



Entrevistado: Ruy Moreira

Entrevistadora: Mônica Machado

Entrevista realizada em 25 de setembro de 2001

Ruy Moreira: Antes de começarmos a entrevista eu gostaria de dizer que existe uma dissertação de mestrado do Paulo Scarim sobre a renovação da Geografia, defendida no começo deste ano na USP sob orientação de Ana Fani, que contém de dez a doze entrevistas com Ruy Moreira, Carlos Walter, Milton Santos, Lobato, Odete, Robert Moraes, Armando Correia e outros. As entrevistas são sobre a presença de cada um de nós na renovação da Geografia brasileira. É um material um pouco desconhecido, mas existe uma massa de informação enorme, que pode interessar. Elas estão em anexo à dissertação.

Mônica Machado: *Trabalhar com história oral não é fácil. Ruy, qual é sua área de especialização na Geografia? Você faz Geografia Humana, correto?*

Ruy Moreira: Mônica, eu tenho dificuldade de me dividir em áreas. Tenho um encanto pessoal pelo tema da teoria, da epistemologia e da ontologia até a metodologia, ou seja, o espectro de todo o universo da teoria, um interesse que acho que falta à Geografia. E ao mesmo tempo um grande desejo de trabalhar com Brasil e montar um quadro dele com uma referência de Geografia. Não estou pensando em um padrão de referência de um olhar geográfico global sobre o Brasil, nada disso. Mas acho que falta algo em torno de uma visão mais global, para podermos ultrapassar o conhecimento fragmentário, setorial ou areal produzido e enxergarmos integralizadamente o Brasil. A Geografia carece de uma visão teórica mais global de referência teórico-empírica, principalmente com relação ao Brasil. Não existe uma teoria do Brasil em Geografia, como existe na História.

Mônica Machado: *Você acha mesmo que não existe?*

Ruy Moreira: Existe a tentativa recente de Milton Santos, que revela um antigo desejo dele, mas que acho que ele não conseguiu concretizar. Então, a minha área de especialização seria um cruzamento de um “corpus teórico” mínimo articulado à empiria brasileira. Esse cruzamento tem sido meu objetivo. Em tudo que tenho produzido caminho nessa direção. Durante muito tempo trabalhei com a Geografia Agrária brasileira, buscando uma referência teórica de aliança cidade-campo com cara de Geografia para a empiria brasileira. O que fiz até agora não me satisfaz. Eu não sei se isso seria Geografia Humana ou Geografia Física.

Mônica Machado: *Na minha opinião com certeza não seria Geografia Física. Eu acho o trabalho da Geografia Física tão específica.*

Ruy Moreira: De qualquer maneira não consigo ver a Geografia descolada do eixo tradicional da relação homem/meio. Existe uma tradição muito de engenheiro no geógrafo físico, que faz com que ele trabalhe com os fenômenos hídricos, geomorfológicos, climáticos e até biogeográficos como um engenheiro. Daí ele se sentir técnico e tendo como modelo o engenheiro. E acaba resultando em algo muito fragmentado, não é um geógrafo físico mas um especialista de engenharia de um campo específico da chamada natureza. Mas eu não sei se isso seria Geografia Física. Se você entender a Geografia como uma leitura espacial ou territorial da sociedade, será na minha opinião impossível imaginar a arrumação espacial apenas com o lado humano. Há um conteúdo do espaço que remete ao que chamamos de natureza, e que se expressa como o que chamamos de Geografia Física. Essa é



por sinal a tradição da Geografia Humana, nos clássicos como Brunhes, Sorre e La Blache, por exemplo. Não há um clássico que tenha escrito um manual de Geografia Humana na qual a relação homem/natureza não seja o tema. Acho inclusive que há um buraco na discussão ambiental, em face da ausência dessa relação por conta da nossa ausência.

Mônica Machado: *A discussão ambiental tem sido levada à frente por quem?*

Ruy Moreira: Ela tem sido levada à frente por geógrafos ora com olhos dos engenheiros, ora com olhos políticos do militante. Há uma carência de epistemologia. Se por exemplo eu fosse escrever um livro de Geografia do Brasil, inevitavelmente a chamada Geografia Física do Brasil teria que estar presente. O “corpus teórico” que me falta, me falta em função da dificuldade desse casamento.

Mônica Machado: *Mas você se dedicaria a essa parte física?*

Ruy Moreira: Sem dúvida, até por necessidade eu me dedicaria à parte física. Eu comecei trabalhando com Geografia Física. Fui primeiro trabalhar na Universidade Católica de Petrópolis, substituir a professora Maria Madalena Pinto, que jamais conheci, apenas conhecia seus textos. Era uma geógrafa do IBGE. E uma pessoa expressiva em Petrópolis. Ela dava aula de geomorfologia. E eu fui substituí-la. Mas eu tinha uma base, pois havia na Geografia Física uma presença do marxismo por conta do trabalho de Jean Tricart. Eu me interessei pelo Tricart tanto pela sua formação marxista quanto pela sua formação de geógrafo. Que eram também duas características presentes em mim: o marxismo e a Geografia. E acabei lendo muito Tricart. Quando fui dar aula de geomorfologia em Petrópolis eu fui um tricartiano típico. O Tricart tem uma biografia interessante. Milton, que o tinha por seu grande mestre, dizia que ele primeiro trabalhou com Geografia Urbana. Há inclusive um livro de Geografia Urbana do Tricart que o Milton traduziu, mas não publicou. Só depois é que Tricart vai trabalhar com Geografia Física, cruzando geomorfologia e climatologia na morfologia climática. Ele dialetiza o discurso da natureza de uma maneira muito interessante, extrapolando as gavetas que ele mesmo superou quando fundiu na morfologia climática a geomorfologia com a climatologia. E ele extrapola até mesmo essa fusão. Ele vê o planeta Terra como um campo de forças, uma dialética de forças internas e externas a partir de uma leitura muito geomorfológica, mas que acaba extrapolando também a própria geomorfologia. O conjunto de forças internas da Terra ligadas a tectonismo e diastrofismo atua sobre a superfície da Terra, desnivelando-a permanentemente, criando altos e baixos. E tem como contraponto o conjunto de forças externas, ligadas às condições climáticas, que atuam no sentido do rebaixamento e nivelamento da superfície terrestre. Temos um campo de forças que vive em troca permanente de posição, em que ora são as forças internas as dominantes, ora as forças externas, num jogo de equilíbrio isostático. A forma da superfície terrestre é a resultante da ação das forças internas, pelos amarrotamentos e fraturamentos que acidentam e desnivelam esta superfície. Este é o momento do primado das forças internas. A partir daí, o primado passa para as forças externas, que rebaixam e nivelam a superfície, alterando e criando as novas formas de relevo. Quando as forças externas rebaixam e nivelam a superfície terrestre, redistribuindo os pesos da superfície sobre as camadas internas da Terra, isso reativa a ação das forças internas, voltando a atuar. Esse é o momento no qual as forças internas passam a ter o primado do movimento novamente, sobrepondo-se ao primado das forças externas. Assim, é a vez das forças internas assumirem o papel principal outra vez. Fica um jogo de migração polar, do primado de forças, entre as forças internas e externas, que responde pela dinâmica do modelado do relevo. Isso é Tricart. Essa visão dialética de natureza do Tricart, muito geográfica, geológica, geomorfológica, climatológica, hidrológica, etc., me encantou quando estudante enormemente. Por isso quando fui aluno de graduação li muito Geografia Física. Mas, por conta da formação marxista, eu já não separava a Geografia Física da Humana.



Mônica Machado: *Ruy, como você começou a ler Tricart, foi na UFRJ, alguém na Geografia te conduziu a essa leitura?*

Ruy Moreira: Eu comecei a ler por iniciativa própria. Na UFRJ eu tive geomorfologia com o professor Xavier e um pouco com a professora Maria do Carmo Galvão. Eu fiz Geografia em 1967-1968. A esquerda estava nessa época na clandestinidade ou no exílio, a exemplo de Milton.

Mônica Machado: *Sua formação política passou por fora da universidade?*

Ruy Moreira: Sim. Quando eu entro na universidade já vinha com a formação marxista, de militância secundarista. A minha geração foi interessante. A geração anterior à minha era stalinista. A geração bem posterior nos anos 70 e 80 era trotskista. A minha geração ficou no meio. É a época da denúncia dos crimes de Stalin, entrando em crise o stalinismo. Mas em que o trotskismo não tem ainda uma presença forte para ocupar o campo do marxismo, o vazio deixado pelo fim do stalinismo. Fica o vácuo por um certo tempo. A minha geração vive exatamente esse momento de vácuo no campo do marxismo. Nós, assim, pudemos ler todo mundo. Nós lemos Lenin, Stalin, Trotsky, Rosa Luxemburgo. E a minha formação é uma mistura de Rosa (espontaneísta) e de Lenin (racionalista). O que era uma heresia, tanto para os marxistas de antes quanto os de depois da minha geração. Uma cultura de determinação de Lenin por um lado e por outro lado de uma presença de espontaneísmo grande de Rosa. Nesse trânsito livre pela literatura, todas as novidades no campo do marxismo nós líamos. Os textos originais de Engels, que Marx reforça, chamam muita atenção para um ponto que atinge essa minha formação diretamente: o marxista que não tenha uma cultura ampla e atualizada da ciência e dos conhecimentos científicos, ou seja, da natureza, terá enorme dificuldade epistemológica e ontológica para entender o conteúdo do materialismo histórico. Aí entro eu para a Geografia, levando toda essa bagagem própria da minha geração. E começo a buscar na Geografia a correspondência com o marxismo que eu tinha recebido em minha formação secundarista. Fico eu buscando o que na Geografia tinha de discurso da natureza que me permitia ver nela a correspondência da chamada de atenção de Engels, e a resposta aparece na forma do Tricart. Daí, que não chego a Tricart por via de ninguém, mas da minha própria formação pessoal de marxista. Tanto que até hoje Tricart não é referenciado por ninguém que trabalha com a natureza ou a Geografia Física na Geografia.

Mônica Machado: *Onde você foi realizando essa formação, não foi no Colégio Pedro II?*

Ruy Moreira: Não, não foi no Pedro II, foi no meio operário. A minha mãe era operária têxtil. Hoje ela está aposentada. Dos nove aos quatorze anos, eu fui criado em colégio interno público da Prefeitura. Quando saio do colégio interno eu dou continuidade aos estudos no secundário. Mas a minha mãe achou que eu precisava trabalhar para ajudar no sustento da casa. E ela arranhou um emprego justamente onde ela trabalhava, um complexo fabril na Gamboa, que hoje não existe mais, chamado Moinho Inglês. O Moinho Inglês era uma reunião de fábricas, uma fábrica têxtil, uma de massas e biscoitos Aimoré, uma de encerados também Aimoré e uma de ração balanceada. Na verdade Moinho Inglês era o nome da fábrica têxtil. Eram três ou quatro fábricas em um mesmo espaço industrial na Gamboa conhecidas genericamente a partir do nome da fábrica têxtil. Um espaço grande e havia um terciário bastante amplo, com muitos escritórios. E eu fui trabalhar como “office boy”, levando de lá para cá correspondências entre as quatro fábricas. Como eu transitava em todas elas fiz muitos amigos nas quatro fábricas. E acabei entrando em contato com operários militantes e ativistas sindicais e de partidos de esquerda. Vivenciei muitas greves da fábrica, etc. Isso foi me despertando o interesse pelo ambiente operário, ao qual socialmente já pertencia. E acabei me aproximando dos militantes. Foi por aí que fui chegando ao marxismo. Quando eu entro na



escola secundária já levo essa bagagem. Aí ela se aprofunda e ganha politização, um refinamento teórico-político. É quando chego na Geografia e circulo buscando dentro dela essa visão, a visão de síntese do marxismo em uma ciência tão fragmentada como é a Geografia, mas ocupada com a mesma preocupação de síntese, onde tanto o marxismo quanto a geografia enquadram o discurso da natureza.

Mônica Machado: *Como poderíamos pensar a divisão intelectual do trabalho nas três universidades? É possível traçarmos diferenças e aproximações entre a Geografia da UFRJ, da UFF e da UERJ?*

Ruy Moreira: Diferenças sim, não sei se divisão do trabalho. Há diferenças bem visíveis. Não saberia a origem delas. O perfil dos professores da UFF é muito visualizado pelos alunos como de geógrafos humanos e o dos professores da UFRJ como de geógrafos físicos. Poderia estar aí a fonte e a natureza das diferenças. Talvez pudéssemos distinguir UFF e UFRJ também em termos de destinação dos formandos. A UFF sempre esteve mais voltada para a formação de professores, pois não desenvolveu-se aqui uma tradição de pesquisa. Quando há concurso para o magistério do Rio, os dez primeiros colocados são da UFF. Diferentemente, a UFRJ sempre teve uma tradição acadêmica de pesquisa muito forte, com muito trabalho de campo, etc. Assim, foi criada nos alunos da UFRJ uma mentalidade de trabalhar não apenas com o magistério, mas com a pesquisa, uma ambigüidade criada na formação dos alunos da UFRJ, penso que porque eles não foram preparados mentalmente para trabalhar no magistério, ficando numa certa indefinição de destino. Todos os alunos da UFRJ saem na expectativa de trabalhar em planejamento e em pesquisa e o magistério entra em segundo plano. Foi esta a formação que eu tive, fui aluno da UFRJ. Aqui na UFF ao contrário o aluno entra e se forma com a cabeça voltada para o magistério. Essa seria uma importante diferença entre ambas as universidades. Agora, pensando nas três universidades e colocando a UERJ nessa comparação, veria uma distinção mais da UERJ com a UFF atual. A UFF hoje pela renovação de quadros, pelos cursos de pós-graduação, pela titulação dos seus professores e seus projetos de pesquisa, começa a sair um pouco do cotidiano de formação de professores para as escolas. E é como se num momento em que a UERJ estivesse assumindo esse papel. Talvez mais a UERJ-São Gonçalo, pois a UERJ-Maracanã vive um meio acadêmico mais ambíguo. O que de longe me parece é que ela, a UERJ-Maracanã, não sabe muito bem para qual perfil caminhar. Neste momento, numa comparação das três, eu diria que a UFRJ mantém um pouco o que sempre foi, mas em um quadro de crise (institucional, de paradigmas, de cotidiano de trabalho, de relações internas) muito grande. A UFF está numa fase de mudança de trajetória, ainda mantém um pouco o perfil de formar alunos para o magistério, mas penso que em vista do corpo docente que mudou alguma novidade de perfil vai acontecer. E a UERJ por tabela parece herdar a tarefa da formação de professores em refluxo na UFF, uma vez que a UFF passa a criar uma vivência nos seus alunos de outras expectativas, de pesquisa, de extensão, de pós-graduação, que não apenas o magistério. Penso assim que o critério de distinção da Geografia nas três universidades não seria o de especialização, mas sim, talvez, de conjuntura docente, aparecendo como um conceito importante para diferenciar as três.

Mônica Machado: *Ruy, você acha que existe uma Geografia carioca ou do Rio de Janeiro?*

Ruy Moreira: Sim e não. Vejo aí o peso do IBGE. Eu não vejo uma Geografia carioca influenciada pelo IBGE. Veria uma Geografia do Rio de Janeiro produto ou reflexo do IBGE. Mas por outro lado veria uma Geografia carioca associada ao IBGE, e vice-versa, que não teria o sentido de uma Geografia carioca, mas de certo modo carioca em face do papel exercido pelo IBGE na geografia brasileira a partir de uma localização carioca. Ou seja, acho que o IBGE cunhou uma Geografia para o Brasil inteiro e o fato de estar localizado no Rio de Janeiro, capital federal e uma referência intelectual brasileira, associou o imaginário de uma Geografia brasileira centrada culturalmente no Rio de Janeiro. O IBGE teria criado assim uma Geografia carioca não no sentido da



regionalidade, mas no sentido de origem da Geografia para o Brasil. Diria que existe uma Geografia brasileira, fruto do IBGE, que eu veria como a grande matriz de produção da Geografia brasileira, e essa Geografia, por ter o IBGE como matriz, acabou fazendo com que fosse tida como uma Geografia do Rio de Janeiro, nesse sentido carioca. Isso, ao tempo que você tinha Geografias regionais se formando no Brasil. Neste sentido, podemos falar de uma Geografia recifense, de uma Geografia paulista, de uma Geografia gaúcha, de uma Geografia goiana, etc. De modo que se formava uma Geografia no Brasil com referência no Rio de Janeiro, o que impediu que aqui ela se tornasse regionalizada, ao lado de uma multiplicidade de geografias regionais. Há uma Geografia carioca sim, mas que é Geografia brasileira. Por outro lado não haveria uma Geografia carioca, mas do IBGE, embora haja uma Geografia paulista, portoalegrense etc. Haveria uma Geografia que sombreia todas as Geografias regionais, que seria a Geografia ibgeana, intelectual e culturalmente, até certo ponto, carioca.

Mônica Machado: *E a UFRJ, antiga Universidade do Brasil, nesse quadro, qual foi o papel da Geografia da UFRJ nesse contexto?*

Ruy Moreira: A UFRJ buscou produzir uma Geografia distinta, que não fosse nem a do IBGE nem a de São Paulo. Em relação ao IBGE, buscou uma Geografia de universidade. Em relação à USP, uma Geografia mais de pesquisa, como a do IBGE. Teria que ser uma Geografia que para sobreviver deveria ter um perfil próprio, que não fosse cópia do IBGE, até para poder ombrear-se com o IBGE, ou da USP. Ao que me parece, a verdadeira academia geográfica brasileira se formou na UFRJ e na USP, com modelos distintos, e não o IBGE. Duas academias, a da UFRJ e a da USP, com modelos distintos de recorte acadêmico. As demais universidades seguiam um modelo ou outro. Ao lado dessas duas Geografias acadêmicas, havia uma outra Geografia, aquela que era nacional e de Estado, a Geografia do IBGE. Eram Geografias paralelas, a do IBGE, a da UFRJ e a da USP. Hoje esse quadro se desfez porque a Geografia acabou no IBGE. E por outro lado as Geografias regionais acabaram.

Mônica Machado: *Você não acha a Geografia de São Paulo muito regional?*

Ruy Moreira: Não, não acho. De certo modo, impediu-o a pós-graduação. Durante um bom tempo, só havia doutorado em São Paulo, na USP e em Rio Claro. Mestrado já havia na UFRJ, mas não doutorado. Então, USP e Rio Claro produziram os quadros da renovação dos cursos universitários de Geografia, das universidades federais sobretudo, no Brasil. Vários colegas vão fazer mestrado e doutorado na USP, criando inclusive uma espécie de sensação de hegemonia da USP na Geografia brasileira.

Mônica Machado: *Com exceção do corpo docente da UFRJ, que se titula fora do país.*

Ruy Moreira: Correto. Quando surge o doutorado na UFRJ muitos mestres e doutores já tinham sido formados pela USP e por Rio Claro. Ao retornarem para suas universidades, embora filhotes da USP e Rio Claro, procuram criar vida própria. É quando surge o doutorado na UFRJ, em paralelo aos nichos de ex-filhos da USP e de Rio Claro, que se mostram desejosos, de alguma forma, de marcarem sua independência intelectual. Isto elimina o regionalismo no Brasil, na USP e nas outras universidades.

Mônica Machado: *Mas na UFRJ poucos docentes fizeram doutorado em São Paulo. E por quê?*

Ruy Moreira: Por essa rivalidade UFRJ e USP. Durante muito tempo o Rio de Janeiro foi o farol do Brasil, a referência, o centro para toda a periferia, analogamente ao que o Rio de Janeiro industrial e terciário foi para todo o Brasil, um Rio para o país e não para si mesmo. Enquanto o Rio de Janeiro mantinha esse perfil, São Paulo, que



vinha de um perfil de província, ia crescendo cada vez mais em termos econômicos, empolgando cada vez mais o Brasil, o que acabou criando uma rivalidade de dois perfis acadêmicos: o da UB (Universidade do Brasil) e o da USP. Imagine um colega da Universidade do Brasil querendo fazer mestrado e doutorado nesse quadro nacional, jamais faria em São Paulo. Até porque como o Rio de Janeiro era a cidade verdadeiramente cosmopolita do Brasil, o docente da Universidade do Brasil ia para o exterior. Eu acho que foi isso que aconteceu. Talvez uma pesquisa sobre os catedráticos possa elucidar muita coisa. Foram eles que montaram para a UFRJ e a USP perfis diferentes.

Mônica Machado: *É o que eu tenho procurado levantar em minha pesquisa documental. E tenho encontrado informações muito interessantes, como por exemplo o papel e a importância do professor Hilgard Sternberg na implantação da pesquisa na UFRJ. Diferente do Josué de Castro, que tinha inserções muito expressivas fora da Geografia e do meio acadêmico.*

Ruy Moreira: O Hilgard vinha do mundo acadêmico para o mundo acadêmico. O Josué de Castro vinha do mundo da medicina. Na USP os seus primeiros catedráticos foram os mestres franceses, que formaram os primeiros quadros de catedráticos uspianos, todos bastante vinculados a essa formação francesa como Aroldo de Azevedo, Pasquale Petrone etc. Eles acabaram sedimentando uma Geografia paulista, pois vinham de uma mentalidade determinada. Diferente dos catedráticos da UFRJ, que eram de origem plural, produto do poder de capilaridade do Rio de Janeiro.

Mônica Machado: *Ruy, no levantamento que realizei nas dissertações e teses defendidas na UFRJ, me chamou atenção a pouca atenção dedicada ao Brasil na escala nacional. O que sobressai são trabalhos voltados para o Rio de Janeiro, tanto para a cidade quanto para o estado.*

Ruy Moreira: É explicável, pois quem pensava o Brasil era o IBGE e não a universidade. O IBGE tinha uma estratégia acadêmica que o tornou a matriz da Geografia brasileira. Quem sempre me diz isso é um professor da Universidade Católica de Goiás, o João de Castro, que foi um dos beneficiários do Curso de Férias dado anualmente pelo IBGE para os professores universitários do interior. Os geógrafos do IBGE preparavam aulas para ser dadas aos professores universitários de todos os cantos do Brasil. Os professores vinham para o Rio de Janeiro e ficavam um certo tempo estudando a Geografia do IBGE com os geógrafos do IBGE. Uma bela estratégia. Quando retornavam, colocavam em execução o que haviam aprendido. As aulas desses cursos eram publicadas pelo IBGE. Elza Keller, Fany Davidovich, Alfredo Porto Domingues, Pedro Geiger, Gelson Rangel, todos participavam desses cursos. Todos os produtos do IBGE, atlas, textos, pesquisas, eram divulgados naquele momento. Era uma espécie de janela de divulgação da excelente Geografia do IBGE. Por isso que a Geografia do IBGE virou a Geografia do Brasil inteiro. Toda a Geografia do Brasil leu nas apostilas da Geografia produzida no Rio de Janeiro pelo IBGE. Isso até os anos de 1970, pois acho que depois esses cursos acabaram. Lembro-me que o João de Castro me dizia que sempre existiram duas referências da Geografia no Brasil para os geógrafos do interior, a Geografia do IBGE e a Geografia da USP. E com perfis distintos. Os autores de textos oriundos de trabalhos de campo, de uma Geografia vinda da pesquisa empírica das diferentes áreas do Brasil, saíam do IBGE. Os autores dos livros didáticos saíam da USP, como Aroldo de Azevedo com uma produção bastante influenciada pelo De Martonne. A USP produzia a geografia escolar, enquanto o IBGE produzia a Geografia de pesquisa para o Brasil. O tratado de Geografia Física de De Martonne foi resumido em um livro por Aroldo de Azevedo, que era o livro de referência do ensino secundário, no tempo que o segundo grau era dividido em clássico e colegial. Mas uma diferença distinta desta marcava a diferença entre a USP e a UFRJ. Para se distinguirem do IBGE, estas duas academias deviam voltar-se para a realidade geográfica de seus distintos territórios, São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, produzindo em relação a eles a Geografia de pesquisa que o IBGE produzia para a escala do



Brasil. Nesse paralelo, a USP ganha. São Paulo foi mais pesquisado pela USP que o Rio de Janeiro pela UFRJ. Duas diferenças marcantes explicam isto: a maior homogeneidade da USP e a maior pluralidade da UFRJ quanto à origem acadêmica e locacional dos seus docentes. Os quadros que assumem o magistério na USP são todos ou quase todos paulistas. E seus mestres são diretamente os mestres franceses. Monbeig e Deffontaines eram homens da universidade. E eles formaram os geógrafos que assumiram cátedras na USP, que por sua vez são os que formaram sucessivamente os quadros que os vão substituindo. Já os catedráticos que assumem na UFRJ e vão formar os quadros da UFRJ não provêm de um mesmo mundo acadêmico. Então existe uma forte tradição francesa na USP. Os mestres franceses que foram para a USP transportaram La Blache para a USP. Monbeig e Deffontaine devem ter pertencido à segunda ou terceira geração de lablachianos. Já a UFRJ tem uma história de origem diferente, mais plural e menos diretamente francesa. Daí a presença e a importância de Hilgard. A par de maior convívio com a Geografia do IBGE e o poder federal de Estado. Em parte vem daí a rivalidade UB/UFRJ-IBGE. Eu me lembro que para nós, o Diretório Acadêmico, levarmos Orlando Valverde para palestras dentro da UFRJ, tínhamos que fazê-lo clandestinamente. E não acredito que tenha sido por razões ideológicas apenas. Acho que as únicas pessoas que tinham trânsito entre UFRJ e IBGE eram Lysia Bernardes e Bertha Becker. Ambas com forte trânsito também pelos organismos de Estado. A Lysia era na verdade do Estado e que tinha poder federal. Ao tempo que uma brilhante acadêmica, Lysia foi a responsável pelo meu interesse pelo aspecto teórico da Geografia, que já comentei, quando ela foi minha professora na UFRJ. Eu encontrei em Lysia a correspondência da leitura política e teórica, embora de Estado, que o marxismo pedia ao marxista com formação na Geografia. Ela tinha um trânsito enorme para além do IBGE, via relações na esfera federal. A Bertha também, através do Itamarati e Escola Superior de Guerra. Os outros professores da UFRJ, que eu me lembre, não tinham tanta circulação no IBGE e em organismos de governo, como é o caso da Maria do Carmo Galvão, a pessoa de confiança do Hilgard e que tinha a hegemonia na universidade, não Lysia ou Bertha.

Mônica Machado: *Retomando nossa conversa inicial você acha que existe uma teoria sobre o Brasil em Geografia, que não passe por uma leitura regionalista do país?*

Ruy Moreira: Acho que em Geografia uma visão nacional deve passar pelas escalas locais, não sei se por uma leitura regionalizada. Seja como for, eu acho que existem ensaios de uma teoria de Geografia do Brasil. Além disso existem trabalhos setoriais e regionais. Acho que Bertha Becker tem uma visão de conjunto do Brasil. Ela tem toda uma leitura de Brasil a partir da ótica centro-periferia, uma teoria retirada da economia. O Geiger também tem uma visão global de Brasil, e na mesma linha. Mas são linhas que não chegam a construir uma teoria geográfica de Brasil. São ensaios, tentativas. Seus trabalhos de ensaio podem ser encontrados na Revista Brasileira de Geografia e nas publicações dos Cursos de Férias do IBGE, por exemplo. O Milton Santos, quando retorna do exílio, publica em uma coletânea organizada por Henrique Rattner um texto que é uma tentativa de visualização com valor de teoria de conjunto do Brasil, nos anos de 1970. São textos de ensaio, não são livros. Fora essa contribuição existe uma produção setorial como uma teoria de cidades no Brasil, da Fany Davidovich. Mas não existe nada comparado ao trabalho de Prado Jr., Darcy Ribeiro ou Celso Furtado. A última tentativa, de Milton, ficou inconclusa. Isto é uma lacuna enorme na Geografia brasileira. Uma lacuna que nós também estamos mantendo. Talvez uma explicação para esse vácuo se relacione ao período de aparecimento da Geografia universitária. Ela já surge no tempo da ciência criada pela segunda revolução industrial, uma ciência muito quebrada pelas especializações. De modo que a Geografia universitária brasileira não chega a vivenciar uma visão globalizada dos espaços nacionais. Cada um de nós já se forma dentro de uma certa tendência de vocação fragmentária. E os professores que nós tivemos já vinham também com especializações quebradas. Contraditoriamente com os clássicos, porque não é uma tradição da Geografia clássica. A obra seminal da Geografia francesa é um quadro global, nacional da França, produção de La Blache. Alias, a única obra inteira



sobre a França de sua autoria ou seus discípulos. Ora, La Blache viveu uma conjuntura de primeira revolução industrial, uma conjuntura em que a visualização do mundo não está ainda fragmentada entre os intelectuais. Mas por outro lado, é ainda uma época em que o poder da tecnologia não era tão grande e as paisagens do mundo eram ainda muito agrárias. Você tinha, então, um La Blache vivenciando uma época de primeira revolução industrial, que pedia dos intelectuais visões globais, mas que vai montar da França uma visão global a partir da paisagem muito agrária, de uma França pré-industrial e agrária. Isso também pode ser visto nos primeiros teóricos da historiografia dos *Annales*. De certo modo, La Blache pressente a fragmentação e seus malefícios com seu conceito de região como a unidade espacial dos dados físicos e humanos. Quando La Blache morre, seus discípulos vão dedicar-se a cada pedaço de espaço regional da França mapeado na obra seminal do mestre. É quando o mundo entra na época da segunda revolução industrial e vem a formação dos geógrafos atuais, que começam a se formar dentro do quadro fragmentado pela divisão territorial e do trabalho da segunda revolução. O padrão de La Blache não nos satisfaz e não existe outro. Ao mesmo tempo, nenhum de nós recebeu o arcabouço para uma visão de conjunto. Eu tomei esse tema para minha tese, preocupado com uma teoria do geral na Geografia. E só consegui trabalhar com os manuais. Primeiro comecei por um levantamento bibliográfico, para saber quais seriam os livros que dariam um padrão de visão de conjunto, de uma teoria geral, aplicável à leitura dos espaços nacionais e não fragmentária da Geografia. Restaram os manuais, que são os únicos livros de visão de conjunto: de La Blache (“Princípios de Geografia Humana”), Reclus (“El Hombre y la Tierra”), Brunhes (“Geografia Humana”), Max Sorre (“El Hombre en la Tierra”), George (“A Ação Humana”), Claval (“Geografia do Homem”). Manuais segundo os quais criou-se uma linha na Geografia, que Manuel Correia de Andrade segue no seu clássico “A Terra e o Homem no Nordeste”. Quando ele escreve este livro, segue a linha de Reclus. Quando eu li esses manuais percebi que eles próprios já são fragmentos. Percebi que a diferença que havia entre eles não era de ordem metodológica, mas de contemporaneidade da paisagem que descreviam e analisavam: La Blache vai até 1918, Reclus um pouco mais além, Jean Brunhes estende um pouco até 1930-1940, Sorre dá seqüência até os anos 50, George vai até os anos de 1960 e 1970 e Claval traz daí até os dias de hoje. Mas é a mesma a metodologia, a mesma estrutura.

Mônica Machado: *Você acha que se a Geografia tivesse continuado junto com as ciências sociais ela poderia ter construído essa visão global, ter desenvolvido uma visão mais teórica?*

Ruy Moreira: Não, porque antes já não havia. Eu acho que é um problema do modelo de procedimentos da academia. A academia não dialoga, ela está fechada nos seus mundos teórico-formais e departamentais. Isto seja no modelo de universidade baseada nos departamentos e/ou em cátedras. Tanto no modelo do catedrático quanto no departamental faltou o diálogo, para dentro e para fora.

Mônica Machado: *Ruy, muito obrigada por essa entrevista.*

Ruy Moreira: Eu é que agradeço.